

## FOUCAULT E O PRIMADO DAS RESISTÊNCIAS

*Davis Moreira Alvim<sup>1</sup>*

Resumo: É possível encontrar resistências no pensamento de Michel Foucault? Em meio à diversidade de suas ideias, teria ele nos deixado pistas para pensar o ato de resistir? Ao direcionar sua produção intelectual para os dispositivos de poder, ao invocar a figura do “intelectual específico” e, ainda, nos anos finais de sua vida, voltando-se para a constituição das subjetividades, Foucault nos provê formas singulares de conceber e operar resistências. Neste artigo, exploraremos duas direções das resistências no pensamento do filósofo. Em uma delas, as resistências são coextensivas ao campo do poder, guardando relação com o papel específico do intelectual e com a Filosofia. Em segundo lugar, indicamos que as resistências são pontos de partida e apoios fundamentais para as questões que Foucault enfrenta em seus trabalhos, tornando-se parte essencial de seu próprio modo de pesquisa.

Palavras-chave: Foucault – resistências – poder.

A inquietação em relação às resistências percorre o pensamento de Foucault como o fio de Ariadne. Funciona como um novelo que, à medida que se desembaraça, toma lentamente a forma de uma linha. Sua função, contudo, não é indicar a saída, pois mais importante que escapar do labirinto é desfazer o carretel. E Foucault só o desfaz para refazer, para suturar a linha à pele e inventar corpos insubordinados. Trata-se de uma linha que, por um lado, reencontra a ordem dos saberes para contaminá-la e, por outro, torna-se a própria condição de sua elaboração. Foucault, mais do que analisar resistências; ele as *inventa*, fazendo do seu trabalho intelectual uma forma de resistir e transformando as resistências em parte de sua filosofia.

Um dos primeiros movimentos resistentes do pensamento de Foucault consiste em fazer com que os extratos do saber se voltem contra os poderes. Em conhecida conversa com o filósofo e amigo Gilles Deleuze, ele explica como compreende o papel dos intelectuais diante dos sistemas de opressão<sup>2</sup>. Segundo ele, houve um momento em que enfrentar a exploração significava, sobretudo, duas coisas: expor a verdade para aqueles que não a conheciam e dizer o real em nome daqueles que não podiam dizê-lo. Esse “intelectual universal” pretende representar a consciência de todos, por isso levanta sua voz contra as ideologias dominantes e tenta dissipar as ilusões das massas incultas. Porém, os deslocamentos históricos das resistências e dos poderes no século XX impõem aos intelectuais uma nova

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor efetivo do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

<sup>2</sup> Cf. FOUCAULT, “Os intelectuais e o poder”, 1979, pp. 69-79.

condição: o abandono da posição de “porta-voz” dos oprimidos e o reconhecimento de que os explorados não apenas sabem onde se encontram no sistema social como são também capazes de dizer o que lhes é intolerável. O problema enfrentado pelo “intelectual específico” não é a falta de consciência das massas, mas a existência de um sistema de poder que barra, proíbe e invalida seus discursos. Ou seja, a luta não se volta exatamente para uma tomada de consciência, mas contra o *silêncio imposto* ou *fala tomada* pelo poder.

Simone Sampaio encontra em Foucault um profundo deslocamento na forma de pensar as resistências. Segundo a autora, a esquerda tradicional só considera legítimas as lutas quando visam promover “a quebra total do sistema capitalista”<sup>3</sup>. Todo embate deveria ter em vista a contradição central do modo de operação do capitalismo, caso contrário, haveria o risco de sua reabsorção pelas malhas do sistema. Dessa forma, as lutas que escorrem por fora da luta de classes e que não encontram no operariado um sujeito fundamental da transformação são consideradas de pouca importância para a mudança social: “a acusação mais frequente a esses movimentos (...) era a pecha de ‘reformismo’”<sup>4</sup>. O termo “reformismo” aparece aqui como uma forma de indicar a insuficiência das lutas não revolucionárias, aquelas que não fariam mais do que atacar cegamente um ou outro ponto desimportante do grande sistema dominante. Diferente disso, Foucault opera uma análise estratégica que investiga a maneira específica com que as resistências atingem o funcionamento do poder. Mesmo quando não realizam uma totalização ou articulação entre si e não se dirigem diretamente para a destruição do capitalismo, é preciso observar os modos de ação específicos de cada resistência e, ainda, situá-la em relação a uma intolerância, ou seja, reconhecê-la como um *front* de luta.

A ação resistente do intelectual específico costuma ser colocada em oposição ao trabalho do intelectual universal, não raras vezes relacionado aos marxistas, mas é menos lembrado que não é esse o inimigo principal. Trata-se antes de combater normas, instituições, técnicas administrativas e pedagógicas, além de saberes e funcionários que não apenas se furtam de colocar em questão os efeitos opressivos produzidos pelo poder, mas trabalham diligentemente para aperfeiçoar suas tecnologias de vigilância e exploração. Para polir as lentes e reencontrar o oponente, talvez pudéssemos recorrer a Slavoj Žižek que, em visita ao Brasil, comentou sobre a generalização do que chamou de perspectiva “fukuyamista”. Segundo ele, esquerda e direita hoje se perguntam, respectivamente, “como tornar o sistema em que nos situamos mais justo, mais humano?” ou “como torná-lo mais eficiente, mais ágil?”<sup>5</sup>, não mais colocando em questão a possibilidade de recusar o funcionamento do poder e enfrentar

---

<sup>3</sup> SAMPAIO, “Foucault e a resistência”, 2006. p. 74.

<sup>4</sup> SAMPAIO, 2006. p. 74-75.

<sup>5</sup> ŽIZEK, “Entrevista com Slavoj Žižek, programa Roda Viva”, 2009.

sistemas econômicos e políticos. Em conformidade com Foucault, Zizek considera que a teoria deve ser convocada como elemento de luta, mas sugere contornos diferentes para o combate. Zizek aponta para a necessidade de inventar novas formas de ações coletivas e encontrar formas alternativas e radicais de enfrentamento em nível global, enquanto Foucault espreita o chão e alude a um combate por meio de um sistema regional e localizado de resistências. Para ele, as grandes ideias engenhosas e a retórica inflamada não são eficientes no combate ao poder microfísico, mas sim a capacidade de utilizar a competência de forma crítica e em situações específicas<sup>6</sup>.

Em artigo escrito para o *Le Monde* em 1979, Foucault resume de forma admirável como concebe o seu próprio trabalho. Segundo ele, se o estrategista é o homem que diz: “Que importa tal morte, tal grito, tal insurreição em relação à grande necessidade do conjunto, e que me importa, em contrapartida, tal princípio geral na situação particular em que estamos”<sup>7</sup>, o antiestrategista é:

(...) respeitoso quando uma singularidade se insurge, intransigente quando o poder infringe o universal. Escolha simples, obra penosa: pois é preciso ao mesmo tempo espreitar, por baixo da história, o que a rompe e a agita, vigiar um pouco por trás da política o que deve incondicionalmente limitá-la. Afinal, é meu trabalho: não sou o primeiro nem o último a fazê-lo. Mas o escolhi<sup>8</sup>.

Em torno desse deslocamento que vai do intelectual universal ao específico, está uma mudança na ação resistente da própria filosofia. No século XIX, a desigualdade, a miséria e o crescente empobrecimento dos trabalhadores se apresentavam como problemas a serem enfrentados pelo pensamento crítico. Já no século XX, o problema da miséria se encontra duplicado por outro: a *superprodução de poder*. Para Foucault, realizar uma analítica das relações de poder não é uma opção pessoal, mas uma imposição de uma “era dos extremos”<sup>9</sup>, marcada por excrescências do poder, como o fascismo, o nazismo e o stalinismo. Contudo, em nossos tempos, não é tarefa simples fazer da filosofia um pensamento resistente. Após a ligação entre Rousseau, a Revolução de 1789 e o Império Napoleônico, entre Hegel e o Estado prussiano, entre Marx, o leninismo e o Estado soviético e, por paradoxal que seja, entre Nietzsche, Wagner e o Estado hitlerista, é possível pensar em uma filosofia que, efetivamente, resista? Em todos esses casos, filosofias da liberdade transformam-se em terror ou burocracia de

---

<sup>6</sup> ADORNO, *A tarefa do intelectual: o modelo socrático*, 2004. p. 15-38.

<sup>7</sup> FOUCAULT, *É inútil revoltar-se?*, 2004a, p. 81.

<sup>8</sup> FOUCAULT, *É inútil revoltar-se?*, 2004a, p. 81.

<sup>9</sup> Cf. HOBSBAWM, *A Era dos Extremos*, 1996.

Estado, filósofos que se colocaram em oposição direta ao poder transformaram-se, ainda que involuntariamente, em formas de autorizar ações excessivas das instituições políticas.

Foucault pensa que a filosofia pode desempenhar um papel de *contrapoder*, com a condição de que deixe de tentar impor suas leis ao poder, ou seja, que recuse sua posição de legislar, educar e prescrever. A filosofia que ele chamou de “analítica da política” não deseja participar do jogo da ciência e do poder, nem mesmo na posição de opositora, ao contrário, deseja repudiar o próprio jogo, fazer aparecer as relações de poder em sua forma crua e generalizada, para enfrentá-las adequadamente. Porém, essa tarefa só é possível se feita de maneira fragmentada e particular, observando experiências como a loucura, a doença, a morte, o crime ou a sexualidade, no momento em que elas se manifestam de forma mais concreta e brutal.

A busca do lugar das resistências diante do maquinário do poder aparece rapidamente formulada em “Vigiar e punir”, quando as mesmas surgem impedindo a univocidade das relações de poder, constituindo pontos de instabilidade e luta, insinuando conflitos e inversões<sup>10</sup>. Foucault não deixa de ressaltar os momentos conturbados nos quais as resistências ganham espaço e se chocam contra o poder. Por exemplo, diante do poder punitivo do soberano, não era incomum a recusa e a revolta. Em relação ao espetáculo do suplício, alguns exemplos de práticas resistentes são: o impedimento de execuções consideradas injustas; a obtenção forçada do perdão para um condenado arrancado pela multidão das mãos do carrasco; eventualmente a perseguição, o assalto e até mesmo a morte dos executores; sem contar as práticas dispersas no ritual, tal como maldizer os juízes e fazer tumulto na hora da sentença<sup>11</sup>.

Posteriormente, em “A vontade de saber”, Foucault explica que esses dois termos (poder e resistência) não se encontram em relação de exterioridade. Estamos sempre “no” poder e, nesse sentido, não há escapatória; o que não quer dizer que o poder sempre vença ou que as resistências sejam inúteis. Se o poder existe numa rede vasta e multiforme de relações, os pontos de resistência também se apresentam como multiplicidade e como focos. Assim, como não existe um grande Poder, não existe um local único de Recusa: “a” resistência se move para a pluralidade. Torna-se, dessa forma, uma multiplicidade de acontecimentos possíveis, improváveis, espontâneos, planejados, violentos, irreconciliáveis, mas que, de qualquer forma, só podem se dar no campo estratégico das próprias relações de poder<sup>12</sup>. Elas são o outro termo das relações de poder, o que não quer dizer que estejam fadadas ao fracasso ou que sejam apenas subprodutos dessas relações.

---

<sup>10</sup> FOUCAULT, *Vigiar e punir*, 2004b, p. 27.

<sup>11</sup> FOUCAULT, *Vigiar e punir*, 2004b, pp. 50-54.

<sup>12</sup> FOUCAULT, *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, 1988, pp. 91-93.

As resistências funcionam como pontos e nós irregulares que se distribuem com maior ou menor densidade no tempo e no espaço. Podem provocar levantes radicais, rupturas profundas, mas é mais comum serem pontos transitórios, móveis, precários e, ao mesmo tempo, constantes. Poderíamos tomar emprestado a expressão de Georges Rudé e falar em uma “cotidianidade da revolta”<sup>13</sup>. Se o poder circula de forma imanente, fragmentada e acentrada, também as resistências introduzem clivagens e procedem por (contra)estratégias. Estamos diante de uma pulverização da noção de resistência, sem, contudo, excluir seus movimentos maciços. O que é uma revolução para Foucault? Ela só é possível por meio de uma codificação estratégica desses pontos de resistência, um pouco como o Estado só é possível apoiando-se sobre uma multiplicidade institucional de relações de poder.<sup>14</sup>

Indicamos, portanto, que é possível fazer do trabalho intelectual, de uma forma geral, e da filosofia, em específico, maneiras de lutar contra o poder. Porém, suspeitamos que o papel das resistências no pensamento de Foucault vá ainda mais longe. Gostaríamos de sugerir que as resistências se apresentam, não apenas como consequências desejáveis da atividade filosófica, mas como um dos pontos de apoio das pesquisas de Foucault.

Para justificar a formulação dessa hipótese há um texto importante escrito por Foucault chamado “O sujeito e o poder” – publicado em anexo na obra “Michel Foucault, uma trajetória filosófica”, de Dreyfus e Rabinow – que pode esclarecer algo. Nesse artigo ele explica que sua pesquisa não teve como alvo principal os mecanismos de poder, mas a compreensão das diferentes formas com que os sujeitos são constituídos. Sua investigação, segundo essa interpretação, assume três direcionamentos. O primeiro deles é o estudo sobre os saberes e como eles buscam atingir o estatuto de ciência; em segundo lugar, o estudo dos modos como os sujeitos são colocados em relação às instituições e são divididos (o louco e o são, os criminosos e os bons cidadãos, etc); e, por último, um estudo sobre o modo como os seres humanos tornam-se sujeitos por meios de “técnicas de si”, ou seja, a maneira com que os sujeitos lidam com sua própria subjetividade<sup>15</sup>.

Porém, se o objetivo central de Foucault não era o poder e sim a formação dos sujeitos, cabe perguntar por que tamanha dedicação ao tema? Isso ocorreu porque ele não encontrava instrumentos metodológicos adequados para trabalhar o poder fora do modelo legal (que se pergunta “o que justifica o poder?”) e do modelo institucional (que se pergunta “o que é o Estado?”). Aproximamo-nos assim de uma questão importante. Segundo Foucault, é fundamental investigar as resistências, porque somente por meio delas é possível fazer a

---

<sup>13</sup> RUDE, “The crowd in history, 1730-1848”, 1964. p. 35.

<sup>14</sup> FOUCAULT, *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, 1988. p.92.

<sup>15</sup> FOUCAULT, *O sujeito e o poder*, 1995. pp. 231-251.

história do funcionamento do maquinário do poder<sup>16</sup>. As resistências ocupam um papel fundamental no trabalho de Foucault, pois é somente por meio daquilo que está à margem, que está interdito e que se coloca contra a ação do poder, é possível entender, de forma adequada, as estruturas sociais ou as regularidades políticas de um campo social. Ou melhor, para compreender os dispositivos de poder, é preciso, antes, observar as estratégias antagônicas que se colocam, de uma ou de outra maneira, contra o mesmo.

Ou seja, Foucault sugere que devemos utilizar as resistências como ponto de partida para as investigações que pretendem esclarecer o funcionamento dos poderes.

Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.<sup>17</sup>

Assim, um dos pontos nodais do pensamento de Foucault parece ter sido ignorado, mesmo por aqueles que buscam investigar os dispositivos dos poderes contemporâneos. Por exemplo, os poderes midiáticos, as multinacionais e as novas instituições transnacionais (OMC, FMI, Banco Mundial) são mecanismos de dominação fundamentais do mundo global, porém, não raramente são investigados de forma fechada, sem considerar como parte importante de sua lógica aquilo que pretendem proibir, afastar ou capturar. A própria história do capitalismo foi, em alguns casos, narrada em forma de um simulacro que remete apenas a si mesma e pouco, ou nada, se refere aos movimentos de resistência.<sup>18</sup> Na perspectiva de Foucault, seria preciso perguntar contra que “ilegalidade” uma organização do poder se coloca, se quisermos compreendê-la de maneira mais intensa. Trata-se de um método que parte em busca das oposições: insanidade contra a sanidade, criminalidade contra a lei, mulheres contra a opressão masculina, população contra a medicina, crianças contra os pais, etc.

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, *O sujeito e o poder*, 1995. p. 233.

<sup>17</sup> FOUCAULT, *O sujeito e o poder*, 1995, p. 234.

<sup>18</sup> Cf., por exemplo, ARRIGHI, *O Longo Século XX*, 1996.

Tal procedimento não supõe uma técnica neutra, está, ao contrário, profundamente interligado às resistências no presente e, por isso, relaciona-se com certas características dessas lutas: são lutas transversais e que não respeitam as fronteiras nacionais; não criticam apenas o acúmulo de riqueza, mas o excesso de opressão política que a concentração de riqueza implica; são, ainda, lutas imediatas, pois não visam ao inimigo *mor* e à construção de uma utopia futura, mas sim enfrentar os pontos locais e reais em que os poderes atuam; inauguram uma nova relação com a individualidade, pois, por um lado, enfatizam o valor da diferença e reivindicam o direito à singularidade e, por outro, criticam as forças que separam e impedem a vida comum; não são a favor nem contra o indivíduo, mas contra o governo das individualidades. Tais lutas realizam uma crítica dos “regimes de saber”, ou melhor, sobre a maneira como os saberes são monopolizados e impedidos de circular livremente e, finalmente, são lutas contra as respostas “científicas” e administrativo-burocráticas para a pergunta “quem somos nós?”. Reivindica-se, portanto, o direito de encontrar mecanismos próprios de identificação e de construção subjetiva.<sup>19</sup>

A investigação dos dispositivos de poder no passado se tornou importante para Foucault justamente porque as lutas do presente não se colocam unicamente contra uma instituição ou classe específica, mas contra determinadas “técnicas de poder”. Ou melhor, são lutas contra todos os poderes atuantes que querem tomar posse ou controle da formação dos sujeitos (que querem formar nossa consciência e até mesmo nosso autoconhecimento). Tais lutas marcam duas formas de uma mesma insatisfação: a primeira em relação ao modelo de luta política apresentado por certo marxismo e, a segunda, contra as tecnologias do desejo e de interpretação de si advindas da psicanálise.

Retornamos, portanto, a nossa hipótese: o deslocamento ou a busca de novas configurações possíveis de resistência incidem diretamente sobre a investigação histórica dos dispositivos de poder. Dessa forma, as resistências estão diretamente ligadas às descontinuidades nas pesquisas de Foucault. Saber, poder e subjetivação remetem diretamente ao “presente” e a três tipos de lutas. No primeiro caso, a luta contra os saberes que pretendem tomar para si os discursos e que enunciam a verdade sobre o sujeito (uma religião, uma etnia, uma teoria, uma tendência política) – esse é o momento em que Foucault dedica-se à arqueologia dos saberes. No segundo caso, a oposição contra as formas de poder que separam os indivíduos entre si e daquilo que eles produzem – momento da genealogia, em que Foucault investiga as tecnologias do poder. Em terceiro lugar, a luta contra os dispositivos que interpretam e controlam as relações dos indivíduos consigo mesmo – ocasião da Ética, quando Foucault investiga os processos de subjetivação.

---

<sup>19</sup> FOUCAULT, *O sujeito e o poder*, 1995, pp. 234-237.

Os três tipos de luta não se separam mecanicamente, porém *prevalecem* em certos momentos históricos. Por exemplo, na Idade Média, as “heresias” sugerem a insatisfação com o monopólio da verdade por parte da Igreja. Já nos séculos XIX e início do XX, ocorrem lutas operárias ou camponesas em diversas partes do globo contra o monopólio da riqueza. Em meados do século XX, predominam os combates contra os modelos de subjetivação, ou melhor, de submissão das subjetividades. Essa última prevalência de uma “guerrilha subjetiva” ocorre porque os dispositivos nunca tiveram, como hoje, tamanho poder de individualização, de formatar nossas individualidades. Contudo, o intrigante no trabalho de Foucault é que a formulação, segundo a qual o poder atua diretamente na formação das subjetividades, não o leva ao estudo direto de instrumentos midiáticos e informacionais contemporâneos, ao contrário, ele nos mostra que tal técnica é muito antiga e remete, por exemplo, à pastoral cristã.

A filosofia se transforma, assim, em uma forma de dizer o presente, de “espreitar a emergência de forças que se sublevam”<sup>20</sup>, uma ontologia do presente ligada às formas de resistência ao poder. Atualmente a questão não é a de uma “liberação” (sexual ou não) que nos leva a perguntar “quem somos nós?” ou “quem sou eu?”, mas nos liberarmos desse *Eu* que foi constituído ou instituído em nós pelos poderes de individualização e gerenciados por múltiplas instituições – incluindo a psiquiatria e o próprio Estado.

Encontramos, portanto, ao menos duas maneiras de pensar as resistências. Na primeira delas, a resistência surge fragmentada, enxameada e relaciona-se com o trabalho do intelectual específico. Não só enfrenta o poder, mas recusa seu funcionamento administrativo e dá vazão a um saber menos comprometido com o potencial reativo e regulador do poder, um saber que se conecta à outra linha de força, aquela linha fantasma que assombra o poder: a linha vital da criação resistente. Em segundo lugar, deparamo-nos com o primado das resistências como método de invenção/investigação de um saber que resiste *a priori*, desde seu próprio procedimento, um saber que nasce resistindo. Alguns poderão dizer que esse não foi realmente um método de Foucault, pois se trata, na verdade, de uma descoberta tardia a qual ele apenas fez reencontrar seus trabalhos mais antigos. Porém, como bem sabia Nietzsche, as compreensões mais valiosas são criadas tardiamente; as “compreensões mais valiosas são os métodos”<sup>21</sup>.

## FOUCAULT AND THE PRIMACY OF RESISTANCE

Abstract: Is it possible to find resistance in the thought of Michel Foucault? Amid the diversity of his ideas, would he have left us clues to think the resisting act? By directing his intellectual production to power dispositifs, by invoking the figure of the "specific intellectual", and, also, in the later years of his life, then turning towards the constitution of subjectivities, Foucault provides us with unique ways to

---

<sup>20</sup> ARTIÈRES, *Dizer a atualidade: o trabalho diagnóstico em Michel Foucault*, 2004. p. 17.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, *A vontade de poder*, 2008, p. 255.

conceive and operate resistances. In this article we explore two directions of the resistances in the thought of the philosopher. One of them, the resistances coextend the field of power, keeping a special relationship with the specific role of the intellectual and with Philosophy. In second place, we indicate that the resistances are “starting points” or “key supports” for the issues that Foucault confronts in his work, becoming an essential part of your own research method.

Key-words: Foucault – resistance – power.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-38.

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. Editora Unesp, São Paulo, 1996.

ARTIÈRES, Phillipe. Dizer a atualidade: o trabalho diagnóstico em Michel Foucault. In: GROS (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: \_\_\_\_\_. *Ditos & escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-251.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: MACHADO, Roberto (org.). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004b.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

RUDE, Georges. *The crowd in history, 1730-1848*. Nova York, 1964.

SAMPAIO, Simone Sobral. *Foucault e a resistência*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

ZIZEK, Slavoj. *Entrevista com Slavoj Žižek, programa Roda Viva*. Gravado em 15/10/2008 e exibido em 02/02/2009.